

17 DEZ 1991

Depois de almoçarem ontem com o presidente Fernando Collor e o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, aos quais, em linguagem diplomática, ofereceram apoio às medidas econômicas liberalizantes e à luta contra a inflação, os principais representantes dos capitais europeus investidos no Brasil não esconderam a sua ansiedade: eles querem um Congresso mais atuante e mais veloz nas suas decisões, imediato respeito à propriedade industrial e, se possível, um Banco Central independente. Enquanto não houver um BC independente, "sempre haverá governadores e lobistas interessados em meter as mãos num orçamento já magro", disse o diretor do Bayerische Vereinsbank no Brasil (quarto maior banco da Alemanha), Gunter Hierneis.

Essa declaração foi feita durante entrevista coletiva, logo após o almoço do presidente Collor com os diretores das câmaras de comércio e indústria do Brasil com a Alemanha, França, Grã-Bretanha, Itália e Suíça. Em discurso proferido pelo presidente da Associação das Câmaras de Comércio Europeias (ACCE), Antônio Alberto Vieira, foi pedida a criação de uma comissão mista, entre empresários e autoridades da área econômica, para debater assuntos de interesse mútuo.

Capital europeu quer Congresso rápido, atuante e BC independente.



Collor e Marcílio com empresários das câmaras europeias

André Dusek/AE

Durante o almoço, o presidente Fernando Collor tranquilizou os empresários com relação à imagem do Brasil no cenário econômico mundial. Segundo o presidente, os impedimentos contra a liberalização da economia brasileira existentes na Constituição estão sendo revisados pelos congressistas, que também deverão aprovar o ajuste fiscal apresentado pelo governo.

Otimismo

Collor também se mostrou otimista com a possibilidade de o País fechar um acordo com o Clube de Paris no próximo mês, ao mesmo tempo em que acertará as suas contas com o Fundo

Monetário Internacional.

Com aproximadamente US\$ 20 bilhões em investimentos diretos no Brasil, o capital da Europa Ocidental, hoje representa, em bloco, a maior parcela de investimentos estrangeiros no Brasil, com cerca de 47% do total aplicado no País. Em segundo lugar estão os Estados Unidos, com 30%, vindo a seguir o Japão, com 10%. Eduardo Lessa Bastos, presidente da Câmara Britânica de Comércio no Brasil, disse que "o Congresso está um pouco defasado. O Brasil quer entrar no Primeiro Mundo, mas o Congresso ainda não entendeu a política do Poder Executivo. O Congresso tem sido um pouco lerdo".